

INGESTÃO PRECOCE DE LEITE BOVINO E/OU ARTIFICIAL ENTRE OS PARTICIPANTES DA COORTE 2015

NADINE MEDEIROS DE CASTRO¹; BÁRBARA HEATHER LUTZ²; ANDRÉA DÂMASO BERTOLDI³

¹Universidade Federal de Pelotas – nadinemcastro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – barbaralutz@msn.com

³Universidade Federal de Pelotas – andreadamaso.epi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Estudos comprovam que o aleitamento materno é benéfico para saúde de toda criança do ponto de vista nutritivo e também imunológico (KELLEHER, 2001; SILVA, 2007). Ele é responsável por desenvolver vínculo, afeto e constituir a mais sensível, econômica e eficaz intervenção para redução da mortalidade infantil, uma vez que possui inúmeros fatores que protegem a criança de infecções devido aos anticorpos que são passados da mãe para o filho (SILVA, 2010).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda aleitamento exclusivo até os seis meses de idade, deixando a introdução dos demais alimentos para os meses seguintes, mas mantendo o leite materno até o segundo ano da vida do bebê (BRASIL, 2010). De acordo com pesquisas, o índice de bebês alimentados exclusivamente deste modo tem aumentado no país com o passar dos anos (BRASIL, 2009). Porém, aproximadamente metade das crianças brasileiras ainda são submetidas à ingestão precoce de leites que não o materno (BRASIL, 2009). Sendo assim, o objetivo deste estudo é descrever o consumo precoce de leite bovino e/ou artificial entre os participantes da Coorte 2015 e analisar sua relação com a escolaridade das mães.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado entre os participantes da Coorte de Nascimentos de 2015, Pelotas, RS.

As mães que deram à luz nos hospitais de Pelotas no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2015 foram convidadas a fazer parte da pesquisa. Os responsáveis que se dispuseram a participar foram entrevistados no período pré-natal, perinatal, três meses, 12 meses e atualmente fazem parte do acompanhamento dos 24 meses de idade das crianças.

Utilizamos dados das 4110 crianças cujas mães responderam ao questionário na maternidade e aos três meses de vida das crianças, onde foi possível reunir importantes informações relacionadas à saúde da mãe e do bebê.

Aos três meses, as mães foram questionadas sobre os alimentos que a criança já havia experimentado e com que frequência ela teria ingerido tal alimento. Perguntas como “Quantas vezes o(a) criança tomou leite materno?”, “Quantas vezes o(a) criança tomou leite de vaca?” e “Quantas vezes o (a) criança tomou leite em pó?” foram feitas pela entrevistadora. Além disto, as informações sobre a renda familiar e escolaridade da mãe foram coletadas nas entrevistas.

Todos os dados foram analisados através do teste de Qui quadrado, considerando como valores significativos aqueles com um $P < 0.05$ pelo software Stata 12.0.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aos três meses de idade, 1833 crianças da nossa amostra (44,7%) eram amamentadas exclusivamente ao seio. Outras 305 crianças (7,4%) estavam em aleitamento materno predominante - recebendo, além do leite materno, água ou bebidas à base de água, 999 (24,4%) em aleitamento materno parcial - recebendo leite materno e outros tipos de leite e 965 (23,5%) estavam desmamadas.

Consumo de outros leites	N	%
Leite bovino		
Não	3211	78,1
Sim	899	21,9
Leite artificial		
Não	2646	64,4
Sim	1464	35,6
Escolaridade		
0-4 anos	368	9,0
5-8 anos	1058	25,7
9-11 anos	1414	34,4
12 anos ou mais	1269	30,8

Tabela 1. Ingestão de Leite bovino ou artificial e escolaridade das mães da Coorte 2015 aos 3 meses de idade.

A Tabela 1 descreve a amostra do estudo. Aos três meses de vida dos bebês, as mães responderam sobre a ingestão de leite de vaca e leite em pó. 899 (21,9%) crianças ingeriram leite de vaca e 1464 (35,6%) ingeriram leite em pó regularmente neste período.

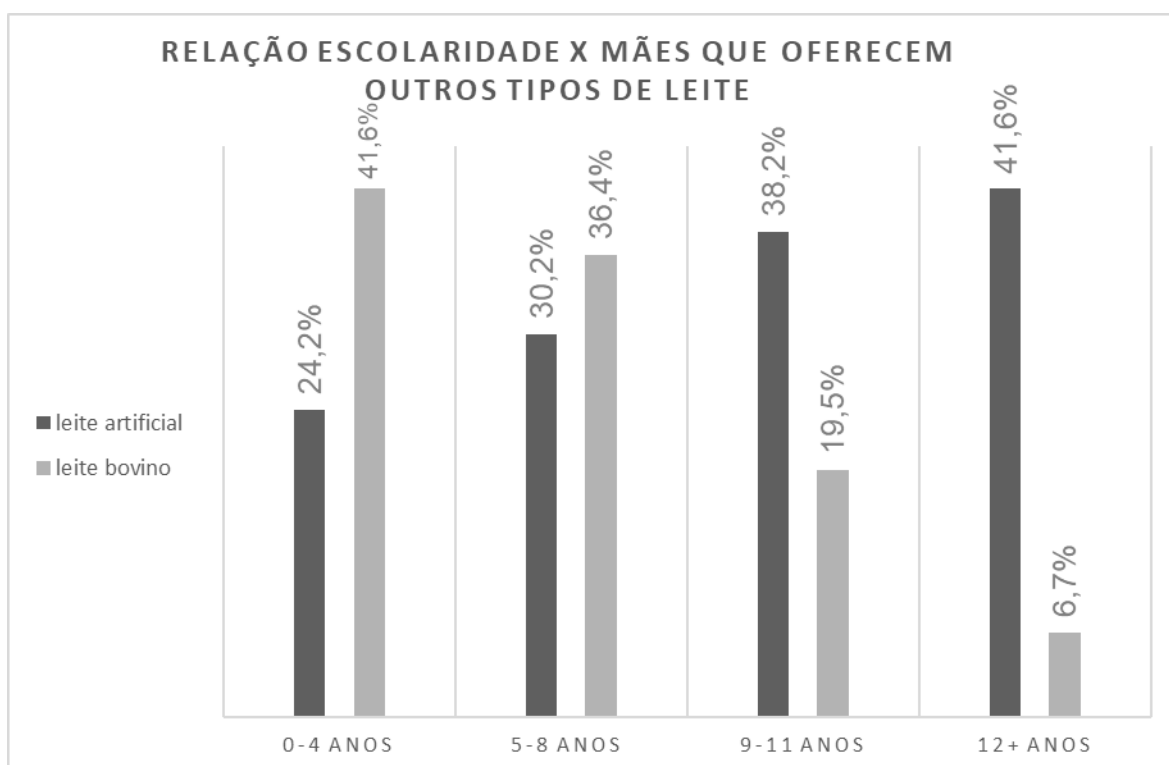


Figura 1. Ingestão regular de leite artificial ou bovino, conforme escolaridade das mães.

Na Figura 1, analisando a escolaridade das mães, 24,2% as crianças cujas mães estudaram de 0-4 anos ingeriram leite artificial, 30,2% das crianças cujas mães estudaram de 5-8 anos, 38,2% das crianças cujas mães estudaram de 9-11 anos e 41,6% das crianças cujas mães estudaram por mais de 12 anos.

Quanto ao leite bovino, 41,6% das mães que estudaram de 0-4 anos ofereceram aos seus filhos este leite, 36,4% das mães que estudaram de 5-8 anos, 19,5% das mães que estudaram de 9-11 anos e apenas 6,7% das mães que estudaram por mais de 12 anos.

Dentre as mães participantes do estudo, 651 optaram definitivamente pelo uso da fórmula infantil. Do total destas mães, 41 delas estudaram de 0-4 anos (6,3%), 165 estudaram de 5-8 anos (25,3%), 251 estudaram 9-11 anos (38,5%) e 194 estudaram 12 anos ou mais (29,8%).

Outras 403 mães substituíram o leite materno definitivamente por leite bovino. Dentre elas, 57 mães estudaram de 0 a 4 anos (14,1%), 179 estudaram de 5-8 anos (44,4%), 134 estudaram de 9-11 anos (33,2%) e 33 estudaram 12 anos ou mais (8,2%).

Os resultados deste estudo mostram prevalência do consumo de outros leites que não o materno aos três meses de vida do bebê, sendo o leite de vaca e o leite artificial os alimentos utilizados para substituição ao leite materno, e algumas vezes sendo usados simultaneamente. Portanto, os resultados do presente estudo evidenciam que as práticas alimentares nesta população não estão de acordo com as recomendações de uma alimentação saudável para crianças. A literatura demonstra que a interrupção do aleitamento exclusivo até os 6 meses de idade e/ou a falta de seguimento do aleitamento materno estão associadas ao aumento da mortalidade infantil (VICTORA, 2016). Estudos mostram que a introdução precoce de leite de vaca é altamente associada à baixa escolaridade materna e ao baixo nível socioeconômico da família (WINJDAELE, 2009; DAMIAO, 2008) e que o consumo de fórmulas pode levar a problemas de obesidade, alterações gastrintestinais, risco de contaminação devido ao preparo, alergias alimentares e alterações respiratórias (MELO, 2014).

4. CONCLUSÕES

Com este estudo, percebemos que a interrupção da amamentação e a introdução de leite de vaca é mais frequente em bebês com mães com baixa escolaridade. Já as mães com maior nível de escolaridade preferem a utilização do leite artificial como alimento substitutivo ao leite materno. Com isto, podemos perceber que é necessário estimular ainda mais a amamentação exclusiva até os seis meses e complementar até os dois anos. Ao desencorajar a ingestão de outros leites em situações desnecessárias, pode-se também diminuir custos. As fórmulas infantis têm um valor elevado para a realidade de algumas mães, que acabam oferecendo leite bovino, que não é indicado para crianças menos de um ano (SBP, 2012). Medidas educacionais sobre o aleitamento natural devem ser implementadas já durante a gestação, com o intuito de reverter esse cenário que é desfavorável para o lactente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **II Pesquisa de prevalência de aleitamento materno nas capitais brasileiras e Distrito Federal**. Brasília, 2009. v. 41, especial, p. 7-14, out. 2014. 13

Kelleher SL, Lonnerdal B. Immunological activities associated with milk. **Adv Nutr Res**. 2001;10:39-65.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da criança: nutrição infantil, aleitamento materno e nutrição complementar**. Brasília, 2012.

SILVA, R. C. et al. Composição centesimal do leite humano e caracterização das propriedades físico-químicas de sua gordura. **Química Nova**, São Paulo, v. 30, n. 7, p. 1535-1538, 2007.

SILVA, S. M. C. S.; MURA, J. D. A. P. Tratado de alimentação, nutrição e dietoterapia. 2. ed. São Paulo: **Roca**, 2010.

Wijndaele K, Lakshman R, Landsbaugh JR, Ong KK, Ogilvie D. Determinants of early weaning and use of unmodified cow's milk in infants: a systematic review. **J Am Diet Assoc**. 2009;109: 2017-28.

Victora CG, Bahl R, Barros AJD, França GVA, Horton S, Krasevec J, et al. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **The Lancet**. 2016;387(10017):475-90.

Damiao JJ. Influência da escolaridade e do trabalho maternos no aleitamento materno exclusivo. **Rev Bras Epidemiol**. 2008; 11(3): 442-52.

NIQUINI, R. Factors associated to the introduction of artificial milk in the city of Rio de Janeiro, **Rev Bras Epidemiol** 2009; 12(3): 446-57

Melo CS, Gonçalves RM. Aleitamento Materno versus aleitamento artificial. **Estudos**. 2014;41(esp):7-14.

Sociedade Brasileira de Pediatria. **Manual de orientação para a alimentação do lactente, do pré-escolar, do escolar, do adolescente e na escola**. Departamento de Nutrologia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2012.